

Conhecimento sobre religião, Ciência da Religião e Ensino Religioso¹

Knowledge on religion, Religious Studies and Classes on religion

*Eduardo Gross**

Resumo:

Ciência da Religião e Ensino Religioso lidam com o conhecimento sobre religião. Cada área possui suas próprias características, a primeira acentuando a abordagem teórica dos fenômenos religiosos e a segunda o aspecto prático e pedagógico. Somente assumindo uma perspectiva humanista e compreensiva em ambas as disciplinas é possível desenvolver uma contribuição mútua entre elas. Por outro lado, assumir este ponto de vista apresenta consequências para a definição da natureza e das funções da Ciência da Religião e do Ensino Religioso que estão relacionadas à discussão sobre a distinção da abordagem da Ciência da Religião em relação a de outras ciências. No Brasil, a discussão da peculiaridade da Ciência da Religião enfocou principalmente a sua distinção da Teologia, mas a sua distinção em relação a outras ciências não tem sido tratada suficientemente.

Palavras-chave: *Ciência da Religião, Ensino Religioso, humanidades, abordagem compreensiva*

Abstract:

Abstract: Religious Studies and Religious Teaching deal with knowledge about religion. Each area has its own characteristics, the first stressing the theoretical

¹ Recebido em 27/03/2014. Aprovado em 19/09/2014

* Doutor em Teologia pela EST-RS; atualmente Professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF, do Bacharelado e da Licenciatura em Ciência da Religião da UFJF e do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFJF.

approach to religious phenomena, the second the practical and pedagogical aspect. Only assuming a humanist and a comprehensive perspective in both disciplines is it possible to develop a mutual contribution to each other. In other hand, assuming it has some consequences for the definitions of the nature and the functions of Religious Studies and of Religious Teaching, and these have to do with the discussion on the distinction of Religious Studies' approach to religion in relation to that of other sciences. In Brazil, the discussion of Religious Studies peculiarity has focused primarily its distinction to Theology, but its distinction in relation to other sciences has not been addressed sufficiently.

Keywords: *Religious Studies, Religious Teaching, humanities, comprehensive approach*

Introdução

O presente texto se desenvolveu a partir de um convite para uma exposição durante o VII Congresso Nacional de Ensino Religioso, organizado pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. Daí que o tema do conhecimento sobre religião esteja aqui estreitamente vinculado à discussão referente ao Ensino Religioso. A perspectiva adotada é a de um estudioso da religião, lotado no ambiente acadêmico, a universidade, num departamento de Ciência da Religião e docente num curso de graduação e num de pós-graduação em Ciência da Religião. Nesse sentido, representa uma perspectiva da pesquisa sobre religião a respeito da tarefa que a Ciência da Religião deve realizar com um conhecimento que é de interesse para o Ensino Religioso. Representa também a perspectiva de alguém que se formou no âmbito da teologia moderna, que se utiliza da argumentação de estilo filosófico para elaborar as suas reflexões e que se sente próximo da vertente hermenêutica da filosofia, a qual aborda o conhecimento em sua relação com a tradição em que este se situa, priorizando nessa abordagem sua compreensão e sua reinterpretação.

1. Ciência da Religião

O que é ou o que deve ser Ciência da Religião é o primeiro objeto de controvérsia quando se aborda o tema aqui proposto. O âmbito

universitário é um espaço de reflexão e produção de conhecimento estruturado dentro de um modelo que não apresenta uma grande dinamicidade. A Ciência da Religião, enquanto âmbito de pesquisa próprio e enquanto área de formação específica, é uma relativa novidade no cenário brasileiro. Mais do que isso, é uma novidade que muitas vezes provoca surpresa, estranhamento, contrariedade e satisfação.

A grosso modo, a introdução de cursos de Ciência da Religião nas universidades é um processo que se inicia na virada do século XIX para o século XX (ELIADE, 1961, p. 216-219; USARSKI, 2006, p. 15-16). No Brasil, entretanto, os primeiros cursos surgem apenas na década de 1970, principalmente no âmbito da pós-graduação (PORTELLA; PIEPER, 2012, p. 241¹). Embora 40 anos ofereça bases para uma história significativa, é evidente que não se trata de um tipo de conhecimento que já esteja assimilado pela sociedade e pela cultura brasileiras. A Teologia, a Filosofia, a Medicina e o Direito estão presentes já nas primeiras universidades, fundadas na Idade Média. A Química, a Física e a Engenharia têm espaço na universidade a partir do Iluminismo. A Biologia, as Ciências Sociais e a Psicologia conquistam espaço a partir do século XIX. O mesmo não ocorre com a Ciência da Religião, principalmente no Brasil.

A universidade brasileira em si já é um fato recente. Ainda está vivendo seu primeiro século. Neste processo inicial ela tem tido uma marca positivista muito forte. Das diversas áreas de estudo e pesquisa referidas anteriormente, salta imediatamente à vista a ausência no Brasil da Teologia entre as disciplinas constituintes do saber universitário. No Brasil, o estudo da Teologia – e, portanto, o que era tradicionalmente o estudo da religião – ficou restrito às instituições religiosas. O fato de que na Europa a Teologia tinha um espaço na universidade significava uma relação de contraponto entre autoridades eclesiais e o conhecimento teológico acadêmico. Isto foi um dos fatores mais importantes para que pudessem ter ocorrido dois movimentos muito significativos: a) A Reforma protestante,

¹ Cf. tb. todo o fascículo em que se encontra este texto para relatos particularizados da história destes cursos no Brasil.

cujas principais lideranças eram docentes universitários; e b) o desenvolvimento do estudo crítico e independente da religião, que se desdobrou na teologia moderna, na crítica bíblica, na crítica histórica do cristianismo e no desenvolvimento da Ciência da Religião como uma abordagem alternativa da religião. Relembrar essa história é fundamental para que se possa compreender por que a presença da Ciência da Religião na universidade é motivo de surpresa (contrariada ou feliz) no Brasil.

A partir disso, também se compreende por que a definição do que é Ciência da Religião não é ainda algo estabelecido no Brasil. Na verdade, mesmo pelo mundo afora não se pode falar de uma clareza total a respeito.² De uma forma geral, há no âmbito brasileiro um entendimento relativamente generalizado de que Ciência da Religião é um ambiente onde se estuda a religião de um modo diferente do que no ambiente teológico, no sentido de que a Ciência da Religião por um lado rejeita o dogmatismo e a ingerência de instituições religiosas no desenvolvimento de suas pesquisas, e por outro lado tem em estudos empíricos ao menos um de seus componentes importantes. Pode-se partir dessa compreensão geral, mas desde já é importante apontar dois problemas: primeiro, que esta visão mais ou menos erroneamente generalizada pressupõe que a Teologia sempre seja dogmática e institucionalmente cativa, o que na verdade exclui toda a Teologia moderna – a Teologia nesta concepção simplista é identificada como teologia pré-iluminista. Essa compreensão de Teologia é totalmente disseminada no Brasil, por sua história de ausência na universidade e do caráter pré-moderno e institucionalmente restrito em que ela muitas vezes se manteve. É uma compreensão que é preciso apontar como errônea. A superação dessa concepção errônea é condição para qualquer discussão minimamente decente sobre a relação e a

² O livro de Russel McCutcheon, *The Discipline of Religion*, é ilustrativo a este respeito (McCUTCHEON, 2003). A partir de sua perspectiva própria, que questiona os resquícios da concepção da Ciência da Religião como uma disciplina humanista, ele aponta para a incoerência discursiva na Ciência da Religião quando se pretende adotar uma perspectiva científica e manter um discurso humanista. A partir deste viés, basicamente oposto ao adotado no presente artigo, é possível perceber com clareza que há uma disputa de pontos de vista fundamentais. O mérito maior de McCutcheon é a coerência com que adota sua perspectiva, o que possibilita perceber bem as consequências a que se chega a partir dela.

especificidade da Ciência da Religião em relação à Teologia³. Em segundo lugar, é evidente que no que se refere aos estudos empíricos, as pesquisas realizadas em Ciência da Religião se sobrepõem às feitas nas áreas de Sociologia, Antropologia, Psicologia, História e Geografia, entre outras. Este é também um problema, porque uma ciência que se caracterize pela redundância em relação a outras não consegue se estabelecer com tranquilidade como uma área de conhecimento própria. Nesse sentido, é preciso que se expresse o que é o específico do tratamento da religião no âmbito da Ciência da Religião em relação ao tratamento que lhe é dispensado em outras ciências particulares.⁴

³ Algumas referências a visões distintas da relação entre Teologia e Ciência da Religião podem ser mencionadas aqui. Marcelo Camurça (2008, p. 67) afirma que “[...] há que se registrar a influência/interferência da Teologia como uma *sombra* a pairar na estruturação dos Programas de Ciência(s) da Religião, pois foi a partir dela que se originaram - de forma direta ou indireta - as Ciências da Religião no mundo e no Brasil.” Quanto a influência, interferência e origem, trata-se de uma evidência. Entretanto, para que tal percepção possa ser útil, é necessário distinguir que a origem de fato está na Teologia moderna, crítica e pós-iluminista, enquanto que influências, interferências e *sombras* há de diversas matizes. João Baptista Libânio (2011, p. 43-64) propõe uma distinção bastante clara entre as disciplinas da Teologia e da Ciência da Religião, recorrendo ao posicionamento diante da revelação como fator distintivo que as faz se situarem em epistemes distintas, a sagrada e a secular (ibid., p. 50-51). À virtude da clareza, entretanto, é possível contrapor a pergunta quanto aos seus limites: é possível realmente afirmar que a episteme da Teologia simplesmente é sagrada e que a da Ciência da Religião é secular? Além disso é preciso se perguntar quanto às consequências dessa afirmação para a discussão relativa ao caráter acadêmico da Teologia. Para uma discussão que mostra uma maior complexidade na inter-relação entre estas disciplinas, cf. DIERKEN, 2009.

⁴ Nesse aspecto, a discussão epistemológica na Ciência da Religião brasileira ainda necessita de aprofundamento. Muitos pesquisadores nesta área não abordam esta questão da especificidade, sendo que ela é fundamental para que uma área de conhecimento se estabeleça enquanto tal, para além de um grupo de pesquisa circunstancial. Merece destaque, neste sentido, a reflexão desenvolvida por Frank Usarski. Em sua perspectiva, é evidente o caráter multidisciplinar da Ciência da Religião (cf. USARSKI, 2006, p. 66), entretanto, em analogia a outras disciplinas, como a Pedagogia, pode-se conceber a seu respeito uma “*integridade substancial*” e um “*status* particular no ambiente acadêmico” em função da concentração no tema a que se dedica “de modo o mais abrangente e profundo possível” (ibid., p. 73-74). Apesar de aqui haver uma contribuição importante pelo fato de colocar esta discussão de modo sério, não se tem ainda uma base teórica suficiente para a constituição de uma disciplina autônoma que configure uma área de pesquisa em si. A preocupação fundamental de Usarski é a distinção entre a perspectiva teológica e a da Ciência da Religião, e aqui há uma contribuição. Entretanto, uma preocupação análoga ainda precisa ser perseguida, a da distinção entre a Ciência da Religião e as demais ciências que abordam religião como um assunto particular a partir de suas metodologias gerais. O debate sobre a distinção em relação à Teologia é compreensível enquanto uma clarificação necessária interna à área em que os cursos de Teologia e de Ciência da Religião se encontram na pós-graduação brasileira. O debate sobre a distinção entre a Ciência da Religião e as outras ciências que abordam

Toda esta exposição do problema do desenvolvimento histórico e da definição da Ciência da Religião é fundamental para responder à questão da relação entre conhecimento sobre religião, Ciência da Religião e Ensino Religioso. Porque sem esta reflexão, a resposta seria condicional, porque ela depende de como se concebe a tarefa da Ciência da Religião.

A presente exposição propõe que se conceba a Ciência da Religião como uma área de estudos de caráter humanista e de natureza compreensiva. Por “humanista” entende-se aqui o conjunto de conhecimentos relativos ao espírito humano que transcende a sua dimensão meramente quantitativa e explicativa. Trata-se de entender a Ciência da Religião como uma abordagem que se dá no âmbito das “humanidades”. Esta visão vai além do que algumas vezes se entende por “ciências humanas”. Frequentemente, quando se pensa em ciências humanas, há uma referência privilegiada ao aspecto matematizante das ciências, uma influência da noção de ciências exatas sobre a compreensão das ciências humanas. Nesse sentido estrito, quase exclusivamente algumas áreas da linguística, da sociologia, da psicologia social, da psicologia comportamental, da geografia e da historiografia positivista podem ser chamadas de ciência entre as ciências humanas. Ao entender a Ciência da Religião como tendo um caráter humanista, se pressupõe uma outra visão de ciência, que não se reduz a pesquisas simplesmente quantitativas, descritivas, explicativas e classificatórias. Nesse sentido, a Ciência da Religião tem características comuns com os Estudos Literários, com as narrativas históricas, com a Psicologia Interpretativa, com a Filosofia e com a Teologia. Ela coleta as construções que o espírito humano elaborou no que se refere à religião, seja no passado, seja no presente. Ela é uma área de conhecimento que armazena estas elaborações significativas para a humanidade. Nesse sentido, em analogia à Filosofia, aos Estudos Literários e à Psicologia Interpretativa, a preocupação primeira da Ciência da Religião não é com fatos ou com a explicação exterior de fatos, mas com a

a religião, por sua vez, é necessário para um embasamento teórico desta área diante das outras. No estado atual da área de pesquisa, a distinção mais importante a se resolver é a especificidade em relação ao que está fora da área.

expressão do sentido que se apresenta nas configurações particulares do fenômeno religioso.⁵

É por isso que, além do caráter humanista, a Ciência da Religião tem uma natureza compreensiva. A elaboração deste sentido do fenômeno religioso nos diferentes momentos e lugares implica a necessidade de um processo interpretativo por parte dos seus estudiosos. Neste processo interpretativo entram em ação diferentes teorias sobre a religião, muitas delas concorrentes ou mesmo opostas entre si. O conhecimento também desta variedade de teorias é um elemento fundamental para o estudioso da Ciência da Religião, uma vez que só desta forma é possível ir além dos chavões que estão na moda. A teoria positivista implicou, por exemplo, que no século 19 a moda fosse conceber religião como algo próprio de povos primitivos, pré-modernos; a teoria marxista e a freudiana colocaram na moda as visões da religião como ópio e ilusão no século XX; no momento, as modas mais fortes parecem ser conceber a religião em termos de mercado e em termos de variedade ou hibridismo cultural. O pesquisador em Ciência da Religião não é imune a modas, mas enquanto acadêmico ele está obrigado a tomar conhecimento de teorias diversas para utilizá-las conscientemente, sabendo das limitações de cada uma delas e evitando o quanto possível a

⁵ Isto é proposto no sentido em que Gadamer coloca as *ciências do espírito* em conexão com a formação humanista que elas pressupõem. Ao contrário de buscar um método próprio para as *ciências do espírito* em analogia à visão metódica das ciências indutivas, como Dilthey, por exemplo, ele mostra como o conhecimento se desenvolve tendo como ponto de partida a apropriação do que é considerado relevante na própria tradição cultural (cf. GADAMER, 1997, p. 55-60). Na Ciência da Religião, Wilfred Cantwell Smith defende uma visão assim, ao enfatizar o caráter pessoal da experiência religiosa e, portanto, da sua possibilidade de compreensão por outros: “Estudiamos, entonces, algo que no se revela a la observación directa. Permítasenos aclarar esto, y con audacia. Personalmente, creo que en último término eso ocurre en todos los estudios humanísticos, y creo que no debemos quejarnos por ello ni tratar de eludirlo de manera alguna. Nuestro mérito no es estudiar cosas, sino cualidades de la vida personal.” (CANTWELL SMITH, 1996, p. 57). A posição contrária a esta é levada às últimas consequências por Russel McCutcheon, para quem Wach e Eliade propuseram a Ciência da Religião como disciplina humanista e compreensiva (2003, p. 60), e a tradição de pensadores que seguiu esta proposta, a qual embasaria um espaço próprio para esta disciplina, estaria mais interessada no asseguramento de suas posições acadêmicas do que na abordagem crítica da religião (ibid., p. 62). Para este pesquisador, a Ciência da Religião é uma construção retórica, que precisa ser desconstruída para que uma crítica autêntica seja possível (cf. ibid., p. 74-78). A grande virtude de McCutcheon está nesta sua clareza meridiana. Ele permite perceber bem o caráter intrinsecamente auto-dissolutório de uma concepção de Ciência da Religião sem identidade própria diante de outras ciências.

absolutização reducionista e o chavão, típicos do senso comum. Mas modas são algo muito poderoso, e esta vacina em relação ao senso comum tem um alcance sempre limitado. Por isso, é preciso a busca consciente dos pressupostos em que se move o pensamento próprio, e ao mesmo tempo o reconhecimento de que a academia não é um ambiente asséptico a estas influências - pelo contrário, é justamente ali que muitas delas encontram sua gênese e sua disseminação. A procura pelo sentido que se manifesta na religião enquanto o objetivo ideal possibilita o reconhecimento da relatividade – apesar de sua inevitabilidade – das teorias explicativas que abordam a religião.

Na busca por definir o que é específico da Ciência da Religião, a proposta aqui defendida é de que é fundamental que cientistas da religião resguardem o sentido próprio do fenômeno religioso. As teorias sobre a religião tendem a explicar a religião em função de algum outro fator – a realidade social, o momento histórico, a condição psíquica, o nível de desenvolvimento científico. Uma Ciência da Religião compreensiva visa interpretar o que a religião tem de religioso. Nesse sentido, a atenção ao que é específico ao fenômeno deve estar no enfoque principal. Se a Ciência da Religião não se ocupar primordialmente do que é religioso na religião, ela não tem razão de ser. Se ela se ocupar do que outras ciências já se ocupam – possivelmente com mais rigor metodológico – ela vai simplesmente se sobrepor a estas outras ciências, sendo um desperdício e anulando teoricamente o seu próprio valor. Mais ainda, ela será apenas uma versão subsidiária de outras ciências. Deste modo, aqui se propõe a Ciência da Religião enquanto disciplina humanista e compreensiva, enquanto área de pesquisa que visa resguardar e manifestar o sentido próprio das manifestações do fenômeno religioso (ELIADE, 1957, p. 11-12; ELIADE, 1993, p. 1-2).⁶

⁶ Não se ignora aqui a crítica - às vezes feroz - sob a qual no momento se encontra a obra de Eliade. Neste artigo, entretanto, não se trata de um escrutínio quanto aos limites seja do pensamento de Eliade (por exemplo, quanto a carência de teorização, excesso de generalizações, aproximações indevidas), seja do de seus críticos (apesar da pequena discussão da posição de Russel McCutcheon em notas anteriores). O que aqui se pressupõe é que faz sentido o argumento eliadiano quanto à possibilidade de uma abordagem da religião a partir de sua própria configuração, ao invés da resignação à sua redução a epifenômeno de alguma outra causa.

Ainda é conveniente acrescentar aqui uma observação relativa à natureza do discurso científico em relação à concepção exposta na presente apresentação. A concepção da Ciência da Religião enquanto uma área de estudos humanista e de caráter compreensivo não quer dizer que estes estudos necessariamente tenham de afirmar que a religião é algo que precise ser reduzido a uma dimensão naturalista ou que ela tenha de ser concebida como o resultado de uma produção seja psíquica, seja cultural, da humanidade (cf. tb. CANTWELL SMITH, 1996, p. 57, nota 6). A Ciência da Religião faz melhor ao adotar uma atitude de respeito aos limites da racionalidade humana, se abstendo de um juízo último sobre a natureza fundamental da religião. Sobre as questões últimas, afinal, a ciência se cala. A filosofia contemporânea recomenda a se abster de juízos peremptórios a respeito delas. A teologia, um âmbito do discurso no qual o risco da fé e a intermediação do discurso simbólico se faz presente, é que se aventura na esfera dos limites. Se for uma teologia moderna, ela o faz com a consciência de seu não saber efetivo sobre o que está além dos limites da razão e com a consciência da inadequação perpétua de sua linguagem para a expressão do que é último. Quando cientistas da religião expressam juízos sobre a natureza última da religião, seja no sentido de afirmar, seja no de negar a validade última de manifestações de sentido religioso, eles saem da esfera do discurso propriamente científico e adentram o âmbito do discurso teológico. Ou seja, nesta hora deixam de se pronunciar enquanto cientistas e passam a expressar suas próprias convicções pessoais, seja de fé, seja de descrença (TILLICH, 1980, p. 52-56). Uma advertência metodológica nesse sentido é importante para evitar este tipo de deslize frequente.

2. Conhecimento e religião

A relação entre conhecimento e religião é bastante complexa. Ela envolve problemas, conflitos e convergências, como a história mostra. Primeiro, é preciso esclarecer o que se entende por “conhecimento da religião”. A expressão pode ser compreendida

subjetiva e objetivamente. Há conhecimento da religião no sentido do conhecimento *que a religião possui*, e há conhecimento da religião no sentido do conhecimento que se tem *a respeito* da religião. Tanto para a Ciência da Religião quanto para o Ensino Religioso ambas as dimensões são importantes. Quanto ao conhecimento que a religião possui, é evidente que se a religião não o possuísse, ou se tudo o que a religião afirma conhecer fosse destituído de valor e de verdade, então não faria nenhum sentido estudar a religião – nem na Ciência da Religião, nem no Ensino Religioso.⁷ Neste sentido, qualquer pessoa que pesquise ou estude religião de fato já pressupõe que haja conhecimento na religião. No mínimo, um conhecimento simbólico, figurado, ou então desfigurado, ilusório, enganador – de modo que, na verdade, até para combater a religião é preciso pressupor que ela oferece algum tipo de conhecimento. Muitas vezes, entretanto, pessoas que pesquisam sobre religião pressupõem que haja nela um tipo de conhecimento próprio, no sentido de que seria uma perda se tal conhecimento ficasse restrito só ao grupo que o reconhece como tal. E no sentido de que seria uma perda ainda maior se este conhecimento específico desaparecesse.⁸ No caso da Ciência da Religião, entretanto, é preciso mesmo assim afirmar a possibilidade de pesquisadores que não reconheçam conhecimento apropriado na religião.⁹ Isso faz parte da liberdade de pesquisa intrínseca ao

⁷ Uma discussão pormenorizada das diferentes concepções de *verdade* no que se refere à religião, assim, como das diferentes posições quanto a se a Ciência da Religião deve se propor à discussão da verdade da religião encontra-se em Donald Wiebe, *Religião e Verdade*. O autor defende a inevitabilidade de se enfrentar esta questão, superando um indiferentismo fácil diante dela. A partir disso, se posiciona contrariamente a uma abordagem simplesmente descritiva, na qual também inclui a fenomenologia. Para ele, se a Ciência da Religião pretender a cientificidade e a explicação da religião, não tem como eludir a discussão da verdade (WIEBE, 1998, especialmente Parte 4: A categoria da verdade no estudo crítico da religião).

⁸ Uma visão de verdade afim à hermenêutica de Gadamer implica a percepção de que, mesmo em sua dimensão cultural, religião sempre é um lugar de manifestação de verdade, à medida que ela é realização da tradição em que se expressa o ser na história. Isso de forma alguma implica uma posição acrítica diante desta expressão, e sim o convite a uma apropriação sempre nova desta tradição. Em todo caso, tal concepção é um convite a uma abordagem cuidadosa e de respeito diante de elaborações que muitas vezes levaram gerações para se constituir, ao mesmo tempo que sempre transcendem a compreensão imediata que o crítico delas consegue ter.

⁹ Deve-se distinguir ainda entre a negação de um valor de verdade à religião (ou a uma religião particular) e a afirmação de uma mescla entre elementos de verdade e de falsidade na mesma (cf. WIEBE, 1998, p. 172).

ambiente acadêmico. Analogamente, no Ensino Religioso, é preciso afirmar a possibilidade de não reconhecimento das reivindicações da religião, o que faz parte da liberdade de convicção pessoal. Na prática, entretanto, é difícil que haja um interesse pela religião se não houver algum tipo de aposta de que ela tenha algum sentido - ou seja, de que as suas reivindicações de conhecimento tenham algum tipo de valor de verdade. A presente exposição pressupõe este tipo de “conhecimento da religião”, e isto já estava pressuposto anteriormente quando nela se apontava a dimensão do sentido que se manifesta na religião como algo a ser resguardado dentro do espírito humanista que deve mover a pesquisa sobre a religião.

Mas a expressão “conhecimento da religião” também pode ser entendida como o conhecimento que se tem *a respeito* da religião. Trata-se assim do conhecimento exterior sobre algo que se considera então um objeto. No sentido reducionista da cientificidade moderna, pode-se pensar aqui na abordagem dos diferentes aspectos da religião a partir das diversas disciplinas particulares que se ocupam com ela. Estes conhecimentos podem ser estatísticos, censitários, históricos, sociológicos, psicológicos, econômicos. Podem inclusive implicar perspectivas químicas ou biológicas – por exemplo, pesquisas da Neuropsicologia sobre a mente religiosa envolvem hipóteses sobre a relação entre a evolução biológica humana e a formação neuronal (cf. p. ex. VALLE, 2011, p. 144-157). Nada disso é alheio ao “conhecimento da religião”, neste sentido de conhecimento de um objeto. Simultaneamente, é notório que isto também implica que há “conhecimentos” infinitos sobre a religião. Enquanto conjunção de formas científicas de abordar a religião, não há, a partir desta objetificação da religião, nenhum limite quanto a quais ciências deveriam ou não fazer parte de um conjunto que formaria a Ciência da Religião. Qualquer estudo sobre alguma faceta da religião deve idealmente compor o que é a Ciência da Religião. Evidentemente, sempre se terá de colocar um limite prático, porque em nenhum lugar se pode estudar concretamente o que chega teoricamente ao infinito. Mas a afirmação teórica tem de ser mantida: enquanto objeto, o conhecimento da religião não possui em princípio um limite disciplinar.

Desta primeira questão, surge como consequência, então, a segunda: como se conhece a religião? A resposta, seguindo a linha aqui proposta, está numa convergência das duas dimensões do “conhecimento da religião”. É preciso tanto estudar o conhecimento que a religião reivindica ter quanto os resultados que as diversas ciências apresentam em seus estudos particulares da religião. As duas facetas tem seu valor e seu encanto. Pesquisar o que defendem, o que narram, o que especulam e o que esperam as diferentes manifestações religiosas, assim como analisar as mudanças, as nuances e as contraposições internas das tradições religiosas é fundamental para resguardar o sentido da religião numa perspectiva humanista, e isto tem sido desde o princípio um impulso fundamental no desenvolvimento da Ciência da Religião. Por outro lado, promover pesquisas que tomam a religião como um objeto de estudo é imprescindível para que a religião não se torne de objeto de estudo em um mero encantamento com a representação que a própria religião faz de si mesma. O estudo da religião como objeto ajuda a promover o olhar crítico sobre a religião (embora isto não seja uma consequência necessária, basta atentar para os pesquisadores da religião que acabam se convertendo em adeptos da manifestação religiosa particular que estudam). Além disso, a pesquisa da religião não pode desconsiderar os aspectos objetivos que revestem o fenômeno religioso. Um pesquisador individual pode alegar os limites práticos do seu conhecimento para desculpar sua ignorância de algum destes aspectos, já que é humanamente impossível estar a par de tudo o que se produz em todas as ciências. Mas a área de pesquisa como tal não pode declarar desinteressante por princípio qualquer coisa que diga respeito às manifestações do fenômeno religioso. É preciso reconhecer, por fim, que há um grande fascínio também por conhecer os elementos objetivos da religião. Tanto os detalhes das pesquisas de neuropsicologia, quanto os simples, secos e em princípio aborrecidos números de censos demográficos não deixam de despertar curiosidade e mesmo paixão, tanto em pesquisadores quanto no público consumidor destas pesquisas.

A ênfase necessariamente teórica que a Ciência da Religião apresenta, por sua natureza acadêmica, se distingue do componente

prático-pedagógico que envolve a área do Ensino Religioso. Não que haja aqui alguma incongruência, na verdade há uma linha de continuidade e de complementação, mas há também uma distinção que é preciso reconhecer. Como a Ciência da Religião pode se dar ao luxo de ser simplesmente acadêmica e teórica, não é impossível pensar um curso de Ciência da Religião voltado exclusivamente para os aspectos objetivos da religião. Não é este o ideal proposto neste artigo, mas teoricamente esta é uma possibilidade. A consequência de tal modelo seria uma Ciência da Religião de corte primordialmente positivista. Mesmo quando estudasse os conteúdos das propostas religiosas, estas seriam percebidas como um simples tema de estudo, estando a preocupação com a manifestação do sentido do religioso excluída dos objetivos.

Como a área do Ensino Religioso tem uma dimensão prático-pedagógica, ela dificilmente poderia ser reduzida a uma soma dos aspectos objetivos da religião. Evidentemente que estes aspectos objetivos sempre deverão também fazer parte do Ensino Religioso. É importante saber quando viveu Maomé, em que região do mundo predomina o budismo, reconhecer que há relação entre religião e certos movimentos políticos na história humana. Mas se o Ensino Religioso se restringisse aos elementos objetivos da religião, ele se tornaria uma mera coleção de fatos. Seria análogo à memorização de listas de obras literárias que podem ser classificadas como pertencentes ao classicismo, ao romantismo, ao parnasianismo. Ou à memorização de listas cronológicas de fatos históricos e de personalidades ilustres. Desta forma, se o Ensino Religioso tem algum proveito, é com a sua inserção numa dimensão humanista do conhecimento que ele se manifesta. Tal como se estuda Literatura e História para reconhecer as manifestações de sentido que se elaboram nas criações humanas, também a religião precisa ser abordada com atenção para estas elaborações significativas que dela foram sendo feitas desde sempre.

A partir disso, também é preciso um olhar atento por parte dos cientistas da religião para as consequências dos modelos teóricos pelos quais optam. Se a liberdade teórica é uma reivindicação legítima e necessária para a pesquisa acadêmica, mesmo assim uma atenção para o alcance que as pesquisas realizadas têm não é algo

despropositado. Mesmo que a pesquisa científica não possa se pautar simplesmente por um “mercado consumidor” dos resultados destas pesquisas, propostas teóricas que estejam em descompasso com necessidades práticas podem às vezes ser contraproducentes. Quando se leva em conta a *aplicação* do conhecimento que as pesquisas em Ciência da Religião possibilitam, é possível reconhecer que o âmbito do Ensino Religioso coloca para a Ciência da Religião desafios que ela precisa enfrentar, inclusive na esfera teórica da sua própria auto-compreensão.¹⁰

Entretanto, para concluir esta parte da exposição sobre a questão do “conhecimento da religião”, é muito importante abordar ainda o tema do conflito no conhecimento da religião. Diferentes manifestações religiosas apresentem reivindicações de verdade distintas e muitas vezes conflitantes, e diante disso não é possível se manter representações idealizadas da religião extremamente simplórias, de sentido harmonizante. “Todas as religiões levam a Deus”, “a religião dá sentido à vida”, “todas as religiões são boas” são manifestações otimistas de boa vontade e talvez até de respeito às diferenças, entretanto elas não podem ser consideradas expressões suficientes para estabelecer o objetivo da pesquisa sobre a religião e nem do Ensino Religioso. Para isso, é preciso não camuflar as distinções de proposição de sentido que se encontram nas diferentes tradições religiosas (cf. WIEBE, 1998). Só assim também se pode de fato compreender e também visar a superação de conflitos religiosos. Evidentemente a Ciência da Religião deve ser um âmbito em que o juízo sobre proposições de verdade particulares de cada tradição religiosa, quando feitas, precisam ser extremamente cautelosas.¹¹

Em todo caso, à prática acadêmica cabe a manifestação clara das reivindicações de verdade conflitantes, sua circunscrição, sua

¹⁰ A este respeito, a recuperação que Gadamer faz do conceito de *aplicação* como um momento da própria dinâmica da compreensão, e não como simplesmente algo à parte desta, mostra sua contribuição para a presente discussão (cf. GADAMER, 1999, p. 459-465).

¹¹ A postura cautelosa diante da tradição que antecede o crítico, principalmente no caso de esta ser uma tradição que lhe é alheia, inspirada por Gadamer, não pode ser desmerecida diante da impossibilidade de se fugir da reivindicação de verdade que a religião implica, conforme preconizado por Wiebe. O dilema desta situação está sempre presente para o pesquisador, e não deve ser disfarçado. Aqui se mostra que também o estudo da religião implica decisão pessoal, a cada momento, e para isso não há receita pré-estabelecida.

contextualização, a exposição de suas nuances – tudo isto visando a delimitação e a precisão do respectivo conflito. O pressuposto que anima esta realização é de que reivindicações de verdade distintas refletem facetas distintas do conhecimento religioso transmitidas por tradições religiosas particulares. Em analogia ao que ocorre no estudo da filosofia, é possível ver no conflito de concepções a diferença de respostas a uma dada questão, e a presença desta diferença não pode ser simplesmente harmonizada. Às vezes é possível conceber um nível reflexivo ou simbólico mais profundo que transcenda as diferentes proposições cognitivas, mas às vezes é impossível fazê-lo – aqui se chega novamente à esfera dos limites do conhecimento, à esfera de uma aposta, de um tipo de fé numa harmonização possível, futura ou precedente ao conflito, o que não deixa de mostrar analogia, no âmbito acadêmico, com perspectivas religiosas. Nesses casos, as diferenças de respostas devem ser mantidas enquanto divergentes, abertas à continuidade do debate entre elas – ao menos no nível teórico, o qual por princípio é um ambiente em que as paixões podem ser relativamente sublimadas. Paralelamente, no caso do Ensino Religioso se faz aqui referência à liberdade de convicção pessoal. Tal como certas perspectivas cognitivas e existenciais dependem do seu poder de convencimento, em última instância as propostas religiosas conflitantes necessariamente estão abertas à aceitação, à rejeição ou à indiferença de quem as percebe. No caso das propostas tradicionais do conhecimento religioso, não se trata somente de um convencimento racional, como no caso de proposições filosóficas, diversos outros fatores desempenham seus respectivos papéis. Em todo caso, existe analogia no que se refere à capacidade de conferir sentido que cada proposta mostra dentro de uma dada situação.

3. Ensino religioso

A última questão desta exposição diz respeito ao tratamento que recebe o Ensino Religioso no âmbito da Ciência da Religião. Para a Ciência da Religião é necessário que se reconheça que há dois sentidos distintos para a expressão “Ensino Religioso”. Um é o

Ensino Religioso que é tema geral de encontros como o CONERE e de eventos similares, o Ensino Religioso ministrado em instituições de ensino, sob supervisão do Estado e dos entes representativos da sociedade. Este é o Ensino Religioso sobre o qual se pode propor políticas públicas, discutir a interpretação da legislação e sugestões para sua reformulação, elaborar diretrizes pedagógicas, comparar modelos educacionais, discutir a qualidade dos materiais didáticos disponíveis e assim por diante. Esta é a dimensão prático-pedagógica, que é tema de discussão própria. Tal dimensão também é objeto de consideração pela Ciência da Religião à medida que determinados cursos preparam docentes para a área do Ensino Religioso. Evidentemente que a preparação docente exige então lidar exatamente com todas as questões do âmbito do Ensino Religioso que afetam esta docência, incluindo-se aí a própria participação dos estudantes do curso em eventos públicos que tratam da questão. O recolhimento das experiências acumuladas pelos atuais docentes do Ensino Religioso, a troca de saberes entre diferentes modelos destas experiências, a discussão crítica delas e a proposição de inovações dos mais variados tipos é, neste sentido, uma das tarefas da Ciência da Religião. Este compartilhamento significa uma contribuição significativa dos atuais educadores para a formação dos futuros docentes desta área.

Entretanto, a Ciência da Religião também deve levar em consideração outro âmbito de ensino religioso. O ensino que as próprias tradições religiosas desenvolvem é parte da religião, e nesse sentido é um objeto de pesquisa da ciência da religião. Aqui a variedade é tão grande quanto a própria variedade das tradições religiosas. Há instituições religiosas que possuem corporações especializadas na retransmissão da própria tradição; há modelos de transmissão informal; há os processos familiares de disseminação dos conteúdos religiosos; há tradições religiosas que estão tão entranhadas na cultura grupal que o ensino religioso não necessita de uma transmissão especial; há sobreposições de todos estes fatores. Quanto aos meios do ensino religioso também há uma variedade que tende ao infinito: há ensino religioso de cunho discursivo, racional,

argumentativo; há ensino religioso centrado em textos; há ensino religioso de estilo narrativo, em que se transmitem mitos, tradições orais, histórias passadas ou fábulas; há ensino religioso por meio da música, das artes plásticas, da dança, do teatro; há cerimônias de iniciação de caráter esotérico, secreto, reservado a grupos particulares ou a indivíduos que demonstram algum tipo de aptidão particular, ou até mesmo alguma característica que seria considerada uma anormalidade em uma cultura diferente; há, ao contrário, ensino religioso transmitido por meios de comunicação de massa, com a utilização de representações ficcionais de eventos taumatúrgicos intermediados por anúncios de produtos religiosos ou de excursões turísticas a locais sagrados. É claro que se poderia discutir até que ponto cada um destes exemplos de fato representa ensino religioso, já que eles vão desde transmissões tradicionais até processos que envolvem técnicas de propaganda. Mas é justamente isto que se precisa enfatizar aqui: a variedade das manifestações religiosas implica também a variedade de seus modelos de transmissão. Certas tradições não considerarão ensino religioso aquilo que é praticado por outras. Algumas inclusive considerarão irreligiosas e deseducadoras as formas que outras tradições empregam. A Ciência da Religião, enquanto disciplina acadêmica, parte de uma posição de abstinência de juízo antes de examinar estas diferentes manifestações. Ela precisa dar um passo atrás em relação ao âmbito prático. Antes de discutir o modo de ensino, ela precisa se abrir para a pesquisa da variedade de ensinamentos que fazem parte das diferentes manifestações religiosas.

Desta forma, ensino religioso é um tema com que a Ciência da Religião lida de uma maneira dupla. Nada impede que o Ensino Religioso também tematize as diferentes formas de ensino religioso adotado pelas religiões. Mas é compreensível que a preocupação mais imediata por modelos concretos de prática didática e pedagógica tenha prioridade para os envolvidos no Ensino Religioso considerado em sua esfera prática. A Ciência da Religião, por sua natureza acadêmica, necessariamente não deve se restringir a esta discussão, ao mesmo tempo que necessariamente não pode deixar de contemplá-la. É por isso que ela tem uma dupla tarefa. Evidentemente, isto

está dito aqui num sentido puramente teórico. Dada a infinidade de objetos de estudo possíveis num determinado curso de Ciência da Religião, a organização deste curso tem de optar por certas linhas de pesquisa, deixando outras de lado. O importante é reconhecer que a transmissão da religião é parte da religião, e nesse sentido é também um objeto de estudo legítimo da Ciência da Religião.

Conclusão

A Ciência da Religião lida com os mesmos conhecimentos que a área do Ensino Religioso. Ela inclusive se defronta com dificuldades e mesmo perplexidades semelhantes. O âmbito da religião é o que gera essas dificuldades e perplexidades. Particularmente no Brasil isso é verdadeiro. Nosso sistema educacional se encontra diante da religião na mesma situação paradoxal em que se encontra diante da música. Diz-se que o povo brasileiro é profundamente musical e profundamente religioso. Mas música e religião não estão num lugar privilegiado na escola, muito menos na academia. O povo profundamente musical não sabe ler partituras, e o povo profundamente religioso vivencia a religião, mas lhe faltam instrumentos para distinções e clarificações que poderiam aprofundar seu senso crítico. Confiar só na sagacidade natural significa diminuir a importância do sistema de ensino. Por que estas duas características profundas do povo brasileiro não têm um espaço correspondente no âmbito educacional? Por que isso é quase relegado ao âmbito do auto-didatismo?

O momento de discussão sobre o tema da religião, seja na escola, seja na universidade, representa uma oportunidade para se superar esta dicotomia entre o que é importante na vida e o que é importante na educação. Ensino Religioso e Ciência da Religião representam esferas próprias para a superação desta dicotomia. O Ensino Religioso enfrenta este problema privilegiando o âmbito prático-pedagógico. A Ciência da Religião o enfrenta privilegiando a pesquisa teórica, tanto de cunho reflexivo quanto de cunho empírico. A sinergia entre estes dois âmbitos só pode ser mutuamente fecunda.

A valorização da religião como uma dimensão importante da existência humana é o fruto mais significativo que pode brotar desta

confluência de interesses entre o Ensino Religioso e a Ciência da Religião. Ninguém questiona a presença dos Estudos Literários na universidade e nem na escola. Apesar de a valorização social destes estudos ainda estar aquém do que uma postura humanista desejaria, ao menos não se vislumbra uma escola sem literatura, nem uma universidade sem ela. Com a introdução recente da Filosofia nos currículos escolares, embora de modo ainda precário, pode-se esperar uma situação semelhante com relação a esta disciplina. Por que com a religião deveria ser diferente? Podemos evocar razões históricas e mesmo erros grosseiros da tradição religiosa ocidental para explicar a necessidade desta pergunta. Diante disso, cabe afirmar a importância de se conceber o estudo acadêmico da Ciência da Religião e o Ensino Religioso como instrumentos de elaboração crítica e significativa de um conhecimento presente na cultura humana.

Referências

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências Sociais e Ciências da Religião: Polêmicas e Interloquções*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CANTWELL SMITH, Wilfred. La Religión Comparada: ¿A Donde y Por Que? In: ELIADE, Mircea; KITAGAWA, Joseph M. *Metodología de la Historia de las Religiones*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

DIERKEN, Jörg. Teologia, Ciência da Religião e Filosofia da Religião: Definindo suas Relações. *Numen*, v. 12, n. 1/2, 2009, p. 9-44.

ELIADE, Mircea. *Mythes, Rêves et Mystères*. [Paris]: Gallimard, 1957.

ELIADE, Mircea. *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. New York: Harber & Row, 1961.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*, 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIBÂNIO, João Baptista. A Religião no Início do Milênio. In: CRUZ, Eduardo R.; DE MORI, Geraldo (Org.) *Teologia e Ciências da Religião: A Caminho*

da Maioridade Acadêmica no Brasil. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUCMinas, 2011, p. 43-64.

McCUTCHEON, Russel. *The Discipline of Religion*. London: Routledge, 2003.

PORTELLA, Rodrigo; PIEPER, Frederico. Editorial. *Numen*, v. 15, n. 2, 2012, p. 242-248.

TILLICH, Paul. *A Dinâmica da Fé*, 2a. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.

VALLE, Edênio. Ciências Cognitivas, Filosofia da Mente e Fenomenologia: Um Debate Contemporâneo. In: CRUZ, Eduardo R.; DE MORI, Geraldo (Org.) *Teologia e Ciências da Religião: A Caminho da Maioridade Acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUCMinas, 2011, p. 143-174.

WIEBE, Donald. *Religião e Verdade: Rumo a um Paradigma Alternativo para o Estudo da Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.